

Numa noite de maio com grossas estrelas no ar largo, olhei para as minhas mãos e vi uma nódoa branca. Eu era um homem tranquilo, emocionalmente disponível, mas defendido contra as vertigens da dissipação. Convivia com bastante gente. Claro, não amava ninguém. E então vi de súbito a nódoa na mão direita. Gosto da mão direita, associa-a porventura à tradição de que é um nobre instrumento da obra, de que se articula com a própria profundidade dos nossos talentos. Estas eram as minhas ideias, e atraves delas ciência e serenidade ligavam-se às fontes naturais do mundo. O tempo, os lugares, a memória, a fortuna dos dias, fundera-os eu numa estratégia do desejo, de que tudo parecia fazer-se cúmplice. Considerava-me uma pessoa sem culpas, conhecendo o valor das regras, amando o vagar da terra e das estações. Organizara um conjunto de aforismos; tal-